



O Importante e o Interessante na representação fotojornalística da Copa do Mundo de 2006: uma análise da *Folha de S. Paulo* e do *Estado de S. Paulo*¹

Erlei Santos Gobi, Fernanda da Cunha Correia, Alexandre Huady Torres Guimarães (coordenador)²

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo:

A partir do estudo realizado com os jornais *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, em suas edições do dia 09 de Junho a 10 de Julho de 2006, desenvolveu-se uma pesquisa baseada em dados. Levantando a proporção estatística de imagens Importante e Interessantes, segundo os conceitos de Lorenzo Gomis, buscou-se encontrar o perfil da cobertura fotojornalística apresentada pelos dois principais jornais diários paulistas.

Palavras-chave:

Fotojornalismo esportivo; mídia; Copa do Mundo; estatística.

Importante x Interessante

O Importante e o Interessante são dois valores básicos no mercado de notícia. O Interessante porque é o termo mais freqüente, o mais usado nas definições da notícia; se

¹ Mesa apresentada no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Alexandre Huady Torres Guimarães (coordenador da mesa) – doutorando em Letras pela USP, mestre em Comunicação e Letras pela UPM, professor em regime de dedicação integral do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde é líder das disciplinas de Fotografia do Curso de Publicidade, Propaganda e Criação e Jornalismo, professor de Fotografia e Redação; membro do projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia; do Grupo de Pesquisa NAU-Núcleo Audiovisual e do Grupo de Pesquisa Linguagem, sociedade e identidade: estudos sobre a mídia. alexandrehuady@gmail.com

Erlei Santos Gobi – graduando do curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde participa de projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia. erlei_gobi@yahoo.com.br

Fernanda da Cunha Correia – graduanda do curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde participa de projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia. fernanda_ccorreia@yahoo.com.br

Este trabalho está inserido no projeto de pesquisa “As mutações do discurso de jornais paulistas e cariocas na cobertura da Copa do Mundo de 2006”, financiado pelo *Fundo Mackpesquisa* e desenvolvido no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques e Prof. Ms. Alexandre Huady Torres Guimarães.



um fato não interessa ao público, tampouco convém ao meio incluí-lo em seu menu informativo.

O Importante, porque desde o aparecimento da Imprensa se tem considerado que se o importante ocorre, ou seja, se acontece algo que pode afetar a população, o fato deve ser comunicado na forma mais rápida e popular de conhecimento que existe: a própria notícia.

Tanto o Importante quanto o Interessante têm direito de cidadania no campo da informação jornalística, além de peso jornalístico e informativo, próprio e específico.

O Importante, segundo Muños Torres (1996), é o que todos devemos saber; o Interessante, aquilo que é agradável conhecer. Cabe distinguir, como salienta Héctor Borrat (1988), entre o interessante jornalístico ou a capacidade de suscitar comentários e a importância histórica ou capacidade de provocar novos fatos. Não somente convém manter e distinguir os conceitos de “Importante” e de “Interessante”. Convém analisar se funcionam da mesma maneira ou não, verificando diferenças e examinando combinações.

As notícias Importantes são mais raras, são de gestação trabalhosa. Levam tempo para ocorrerem e nem sempre é fácil reduzi-las a um só dia. Estas notícias terão conseqüências e permanecerão registradas na história. Já as Interessantes são mais abundantes, começam e terminam em uma mesma data, podem ser pseudo-eventos, são produzidas com facilidade, fazem o povo falar, provocam comentários que formarão a realidade.

O Importante e o Interessante conjugam-se, alteram-se e se combinam nos noticiários.



O Estado de S. Paulo

O jornal *O Estado de S. Paulo* foi fundado na cidade de São Paulo, em 4 de janeiro de 1875, por um grupo de dezesseis pessoas reunidas por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, concretizando uma proposta de criação de um diário republicado surgida durante a realização da Convenção Republicana de Itu, com o propósito de combater a monarquia e a escravidão.

Inicialmente, ainda durante o Império, era nomeado como *Província de S. Paulo* recebendo o seu nome atual apenas após o estabelecimento de uma nova nomenclatura para as unidades da Federação pela República. Em 1875 outros dois jornais diários já contavam com alguma expressão, o *Correio Paulistano*, fundado em 1854 e o *Diário de São Paulo* de 1865, ambos extintos.

A fundação de *Província de São Paulo* teve importância devido ao fato de ter sido o primeiro jornal com ideal republicado e abolicionista, manifesto por meio dos textos contundentes de seus primeiros redatores, Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos. Sua tiragem inicial de dois mil exemplares era bastante significativa para a população da cidade, estimada em 31 mil habitantes.

Juntamente com a cidade, o jornal foi crescendo e influenciando cada vez mais a evolução política do país, com a enorme responsabilidade de ser o principal veículo da cidade mais republicana do Brasil.

Meses antes da proclamação da República, no início de 1888, um jovem redator chamado Euclides da Cunha, que havia sido expulso do exército, passou a colaborar com o *Estado*, sob o pseudônimo de Proudhon.



Júlio de Mesquita, redator desde 1885 e genro de José Alves de Cerqueira César, um dos 16 fundadores, tornou-se o único proprietário em 1992.

A modernização do jornal caminhava junto com o espantoso crescimento da cidade, que duplicou sua população num período de 35 anos, desde a chegada da primeira ferrovia. Neste momento Júlio Mesquita e Cerqueira César lideraram a primeira dissidência republicana, iniciando uma linha de oposição sistemática aos Governos Estadual e Federal.

Em 1926, o jornal apoiou a fundação, em São Paulo, do Partido Democrático, de oposição ao PRP, então detentor do Governo Estadual e Federal. Em 1930 o jornal apoiava a candidatura de Getúlio Vargas à presidência pela Aliança Liberal, em oposição a Julio Prestes, candidato oficial do PRP. Porém, inconformado com o autoritarismo de Vargas e com o tratamento hostil reservado a São Paulo pelos tenentes, o jornal *Estado de S. Paulo* formou uma aliança com alguns setores do PRP e, juntos, articulam a Revolução Constitucionalista de 32.

O jornal idealizou em 1927, por meio de Júlio de Mesquita Filho, a criação de uma universidade estadual. Em 25 de janeiro de 1934, o então governador Armando Salles Oliveira assinou o decreto de criação da USP e incumbiu o próprio Mesquita Filho de arregimentar os professores estrangeiros que viriam a formar o corpo docente da Faculdade de Filosofia.

O Estado de S. Paulo apoiou o movimento militar que depôs o presidente João Goulart ao constatar que o mesmo já não tinha autoridade para governar. No entanto, entendia que a intervenção deveria ser transitória. Quando se evidenciava que os radicais de extrema direita objetivavam a perpetuação dos militares no poder, o *Estado* retirou seu apoio e passou a fazer oposição, o que lhe custou alguns anos de forte censura.



A Folha de S. Paulo

A história da *Folha da S. Paulo* iniciou com Olival Costa e seu sócio Pedro Cunha, que fundaram em 19 de fevereiro, o jornal *Folha da Noite*.

A *Folha da Noite* Lançou campanhas pelo voto secreto e apoiou o tenentismo e o Partido Democrático. A Redação era em uma sala, na rua São Bento, no segundo andar de um prédio, na cidade de São Paulo. A impressão era feita nas oficinas de *O Estado de S. Paulo*, na Rua 25 de março.

O jornal mudou-se para um casarão na Rua do Carmo em 1925, onde funcionam as oficinas, a Revisão, a Redação e os escritórios da administração. Em janeiro de 1931 o jornal foi vendido para Octaviano Alves Lima, cafeicultor, que priorizou a defesa dos interesses da lavoura, defendia o liberalismo e se opunha ao Estado Novo. Nesta época, lançou campanhas pela saúde pública, e a tiragem diária dos dois jornais subiu de 15 mil para 80 mil exemplares. Ainda em janeiro, o nome da companhia foi alterado para Empresa Folha da Manhã.

Em março de 1945, o controle acionário passou para as mãos de José Nabantino Ramos. É adotada a imparcialidade como política de redação. Os jornais, feitos para a classe média, defendiam o ensino público e a cédula única. A impressão dos jornais passou da Rua do Carmo para a Rua do Anhangabaú em 1946 e em 1949 a Redação se mudou para edifício na Alameda Cleveland. A administração, a publicidade e a composição foram para o mesmo prédio no ano seguinte e, em 1º de julho, foi lançado o jornal *Folha da Tarde*.



A impressão das Folhas - *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite* - passou para o prédio entre as Alamedas Barão de Campinas e Barão de Limeira, que ainda estavam em construção. O prédio, após terminado, passou a abrigar todas as instalações das Folhas: administração, redação, publicidade e oficinas de composição e impressão. Os atuais jornais do grupo – *Folha de S.Paulo* e *Agora* – encontram-se até hoje neste prédio. Em 1º de janeiro de 1960, os títulos da empresa se fundiram e surgiu o jornal *Folha de S.Paulo*.

Em agosto de 1962 os empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho (1913-1993) assumiram o controle acionário da Empresa Folha da Manhã. A *Folha* se tornou a primeira redação informatizada na América do Sul em 1983 com a instalação de terminais de computador para a redação e edição de texto. O jornal passou a economizar 40 minutos no processo de produção.

Em 1983 foi criado o Datafolha, instituto de pesquisa de opinião pública e de mercado, que faz levantamento de temas de interesse dos leitores e fornece informações à produção editorial.

O Importante e o Interessante nas imagens da copa 2006.

A imagem tem um papel fundamental na cobertura esportiva. Ambos os jornais, *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* trabalham com esse recurso tanto nos eventos Importantes quanto Interessantes.

Imagens de jogos, treinos, momentos de descanso, bastidores, torcidas, enfim, tudo o que dizia respeito à seleção brasileira era registrado e ocupava as páginas destes jornais paulistas durante a Copa do Mundo de 2006.

O *Estado de S. Paulo* criou, durante a Copa da Alemanha, um caderno especial, a parte do Caderno de Esportes, voltado para a competição.

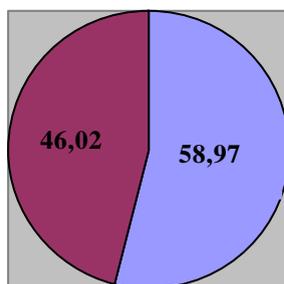
O Caderno Copa 2006, como foi chamado, contava com um projeto gráfico diferenciado, lembrando o design do *Diário Lance!*, tablóide paulista voltado totalmente para o esporte.

Diante do cenário esportivo da Copa do Mundo, analisaram-se fotografias esportivas referentes à seleção brasileira, veiculadas durante o período da competição. Foram selecionadas as fotografias jornalísticas esportivas publicadas entre o período de 09 de junho a 10 de julho de 2006.

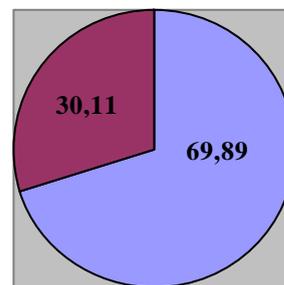
A partir desse corpus, constatou-se a presença de 176 fotografias, sendo que 53,98% das mesmas classificam-se como Interessantes e 46,02% como Importantes.

A tabela e os gráficos seguintes apresentam um retrato mais metuculoso do período estudado, tendo foco, evidentemente, as definições de Importante e Interessante.

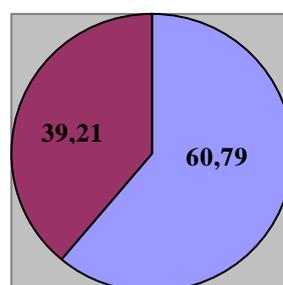
Jornal	Bastidores	Jogo	Ação	Não ação	Importante	Interessante	Total
Estado	107	69	81	53	81	95	176



■ Interessante
■ Importante



■ Ação
■ Não ação



■ Bastidores
■ Jogo



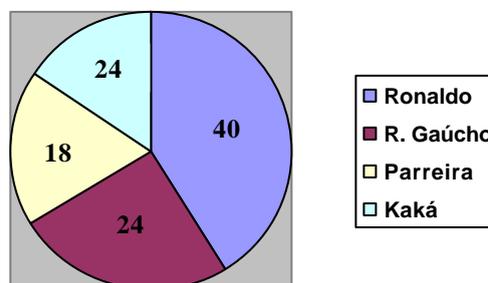
Jogadores com mais aparições no *Estado de S. Paulo*

O foco voltado ao “quadrado mágico” da seleção brasileira fica evidente quando analisado o número de fotografias com aparições dos jogadores pertencentes a esse grupo, durante a Copa do Mundo. Dentre os integrantes do “quadrado”, apenas Adriano não está incluso entre aqueles que mais apareceram.



Jonne Roriz/AE

Como mostra o gráfico seguinte, Ronaldo, R. Gaúcho e Kaká foram os atletas mais clicados, e Carlos Alberto Parreira entra na lista do Top 4 no lugar de Adriano.

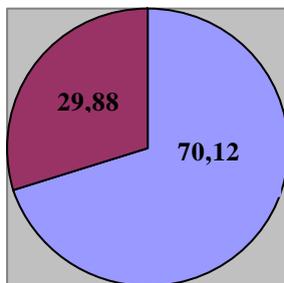




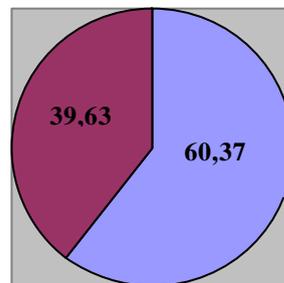
A *Folha de S. Paulo*, durante a da Copa de 2006, publicou o material produzido no seu caderno de esportes, diferentemente do *Estado de S. Paulo*. Nesse período analisaram-se fotografias veiculadas entre 09 de junho a 10 de julho de 2006. A partir dessa análise, constatou-se o total de 164 fotografias, sendo que 70,12% das mesmas tiveram um enfoque Interessante, enquanto 29,88% Importante.

A tabela e os gráficos abaixo apresentam um retrato mais metuculoso do período estudado, tendo foco, também, para as definições de Importante e Interessante.

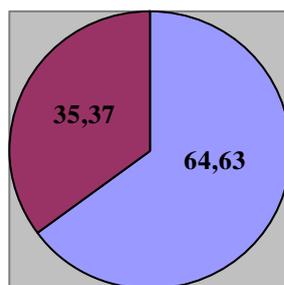
Jornal	Bastidores	Jogo	Ação	Não ação	Importante	Interessante	Total
Estado	106	58	99	65	49	115	164



■ Interessante
■ Importante



■ Ação
■ Não ação



■ Bastidores
■ Jogo



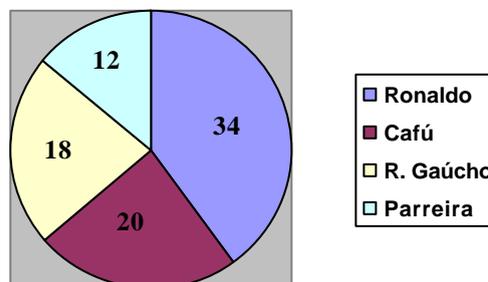
Jogadores com mais aparições na *Folha de S. Paulo*

Diferentemente do *Estado de S. Paulo*, o qual enfatizou o “quadrado mágico” em sua cobertura fotográfica, a *Folha de S. Paulo* focou três jogadores experientes, além do técnico: Ronaldo, R. Gaúcho, o capitão da equipe Cafu e Carlos Alberto Parreira.

Antonio Scorza/ France Presse



O Gráfico abaixo demonstra mais precisamente essa divisão.



Conclusão



Constata-se que foi dado um maior destaque fotográfico ao Interessante em detrimento ao Importante em ambos os jornais. No entanto, as imagens da *Folha de S. Paulo* tiveram maior destaque ao Interessante que as do *Estado de S. Paulo*, ou seja, há mais fotografias com teor histórico no primeiro jornal do que no segundo.

No *Estado de S. Paulo* 58,97% das imagens são Interessantes. Há quase um equilíbrio entre o Importante e o Interessante. Já na *Folha de S. Paulo*, a maior parte das fotografias são Interessantes, chegando a 70,12% do total.

Baseado nesses dados, nota-se uma cobertura mais factual do *Estado de S. Paulo*. Isso pode ter ocorrido devido a criação de um Caderno específico para a competição, tendo profissionais exclusivos para sua produção.

O grande número de imagens de bastidores mostra também, que ambos os jornais deram grande enfoque no “extra campo”, ou seja, enquanto a seleção brasileira não entrava em ação eram veiculadas fotografias de treinos, torcida, concentração, entrevistas e até, dos dias de folga dos jogadores.

Talvez, por isso, o Interessante teve maior destaque, já que esse tipo de imagem não contém nenhum fato relevante para mudar a história da Copa do Mundo ou da própria equipe brasileira.

Devido à importância que o futebol tem para o brasileiro, qualquer imagem que seja sobre algum personagem envolvido com a seleção acaba sendo publicada. Isso pode ser notado no resultado da pesquisa sobre o número de aparições dos jogadores no *Estado de S. Paulo*. Dos quatro personagens que mais se destacaram, três eram do “quadrado mágico”, ou seja, os personagens de maior destaque antes e durante a Copa de 2006.

As imagens do *Estado de S. Paulo*, apesar de estrelar os principais personagens da equipe brasileira, muitas vezes eram Importantes, pois traziam em seu contexto



resultados ou fatos que afetariam os próprios jogadores ou a seleção. Já as imagens da *Folha de S. Paulo*, também continham atletas como Ronaldo e R. Gaúcho, porém o personagem mais fotografado foi o experiente Cafu. No entanto, a grande maioria das imagens da *Folha de S. Paulo* eram Interessantes, não traziam nada relevante.

Bibliografia:

BORRAT, H. (1988). *El periódico como actor político. Propuestas para el análisis Del periódico independiente de información general*, Tese de doutorado, Universidade Autônoma de Barcelona (uma versão condensada foi publicada por Gustavo Gilli, Barcelona, 1989).

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, jun./jul. 2006

GOMIS, Lorenzo. Do importante ao interessante – ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo. *Pauta Geral – Revista de Jornalismo*, Salvador: Calandra, ano 9, n.4. 2002.

MUÑOZ TORRES, J. R. (1996), *El interés informativo. Estudio Del principal factor de especialización periodística*. Madrid, Fragua.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, jun./jul. 2006

Bibliografia eletrônica:

HISTÓRICO d'O Estado de S. Paulo. Portal Estadão. Disponível em:
<http://www.estadao.com.br/historico/index.htm>. Acesso em 29 mai. 2007.

HISTÓRICO da Folha de S. Paulo. Folha On-line. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/historia.shtml>. Acesso em 29 mai. 2007.



A eliminação na Copa do Mundo de 2006: o Interessante na representação dos jogadores da seleção brasileira na cobertura fotojornalística esportiva³.

Fernanda da Cunha Correia, Erlei Santos Gobi, Alexandre Huady Torres Guimarães (coordenador)⁴

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

A seleção brasileira desperta em todos uma paixão que não se restringe ao futebol. Acreditamos que somos sempre os melhores e que merecemos ganhar. Muitas vezes o excesso de talentos individuais prejudica a equipe, fazendo com que o desempenho saia aquém do que todos esperamos. Na Copa do Mundo da Alemanha de 2006, a franca favorita seleção canarinho sucumbiu às qualidades individuais e encontrou em Zinedine Zidane o seu carrasco, eliminando nos mais uma vez de um mundial. Por meio do material fotográfico publicado nos jornais paulistas *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, procurou-se analisar a cobertura da derrota brasileira pela ótica das imagens dos jogadores, as quais sempre grafaram instantes de cunho Interessante.

Palavras-chave

Fotojornalismo esportivo, Copa do Mundo, Interessante.

Introdução

³ Mesa apresentada no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

⁴ Alexandre Huady Torres Guimarães (coordenador da mesa) – doutorando em Letras pela USP, mestre em Comunicação e Letras pela UPM, professor em regime de dedicação integral do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde é líder das disciplinas de Fotografia do Curso de Publicidade, Propaganda e Criação e Jornalismo, professor de Fotografia e Redação; membro do projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia; do Grupo de Pesquisa NAU-Núcleo Audiovisual e do Grupo de Pesquisa Linguagem, sociedade e identidade: estudos sobre a mídia. alexandrehuady@gmail.com

Erlei Santos Gobi – graduando do curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde participa de projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia. erlei_gobi@yahoo.com.br

Fernanda da Cunha Correia – graduanda do curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde participa de projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia. fernanda_ccorreia@yahoo.com.br

Este trabalho está inserido no projeto de pesquisa “As mutações do discurso de jornais paulistas e cariocas na cobertura da Copa do Mundo de 2006”, financiado pelo *Fundo Mackpesquisa* e desenvolvido no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques e Prof. Ms. Alexandre Huady Torres Guimarães.



A paixão brasileira pelo futebol é mundialmente conhecida. O principal estereótipo do Brasil, além das mulheres e do carnaval, é o cidadão brasileiro jogando futebol a todo e qualquer momento, o que gerou, inclusive, comentários como os de Thierry Henry o qual declarou que somos o único país pentacampeão de futebol porque enquanto nos outros países as crianças estudam, aqui joga-se futebol.

Esse fanatismo se exacerba em época de Copa do Mundo, quando até quem não se interessa pelo esporte bretão passa um mês na frente do televisor acompanhando os jogos, decorando casas e ruas e parando o país em dia de jogo da seleção brasileira.

Não é diferente com a imprensa esportiva e, principalmente, com a imprensa geral, pois durante o campeonato mundial todos se voltam para tudo que é relativo aos jogadores e comissão técnica.

Com isso, observa-se um sentimento generalizado de “já ganhou”. Temos sempre a melhor seleção e os melhores talentos individuais. Nossas chances são as maiores e há a obrigação do espetáculo durante os noventa minutos de cada partida. Nunca merecemos nada menos do que a final.

Os cinco títulos mundiais e as atuações de muitos jogadores brasileiros em times do exterior ajudam a aumentar ainda mais essa cobrança. Mesmo não sendo brasileiro e não torcendo pela seleção, o resto do mundo espera ver um futebol bonito e os talentos individuais daqueles que atuam em seus times brilhando com outros iguais a eles.

Copa de 2006

A Copa do Mundo da Alemanha de 2006 quebrou recordes. Foi a maior transmissão global já realizada, chegando a 32 bilhões de telespectadores. Neste cenário, uma das maiores estrelas foi a seleção brasileira. Embalada por eliminatórias vitoriosas e por ter sido a campeã de 2002, contando com os maiores jogadores da atualidade, não havia quem dissesse que não éramos favoritos ao título.

Cabeça de chave do Grupo F, não tinha adversários fortes nessa primeira fase. As três seleções que completavam o grupo foram Croácia, Austrália e Japão. A Croácia estreou em Copas do mundo em 1998, sendo a grande surpresa do ano, mas sem manter o mesmo ritmo depois. Austrália ainda pouco expressiva e Japão, comandada pelo brasileiro Zico, também não apresentavam grandes dificuldades.



A estréia brasileira foi dia 13 de junho, contra os croatas e, apresentando um futebol abaixo da média, venceu com um placar de 1 X 0. Apesar da sensação de deixar a desejar da estréia, continuava a confiança na grande habilidade de nossos jogadores. Contra a Austrália, em 18 de junho, parecia haver uma melhora com a vitória por 2 X 0. Contra o time da terra do sol nascente, entrou em campo um time renovado. Já classificado, o técnico Parreira modificou a equipe, colocando jogadores mais novos e até então reservas. Pela primeira vez na Copa de 2006 o time brasileiro empolgou a sua torcida vencendo facilmente por 3 x 0.

Passando então para as oitavas-de-final, a seleção enfrentou Gana, também sem maiores dificuldades, vencendo por 3 X 0 no dia 27 de junho. O verdadeiro desafio chegou com as quartas-de-final no dia 1 de julho, quando confrontamos a seleção francesa. Ao clima de favoritismo somou-se a possibilidade e a vontade de uma revanche. A final de 1998 não havia sido esquecida.

Diferentemente de nossos jogadores, os franceses chegaram receosos à Alemanha. Após uma pífia campanha em 2002, sendo eliminados ainda na primeira fase sem marcar gol algum, e fazendo na Copa de 2006, apenas um durante a primeira fase, no jogo contra a Coreia. Sem muito show, mas com competência, os Bleus foram para as quartas-de-final enfrentar o Brasil, após bater a Espanha.

Em um jogo que parecia uma reprise da final da Copa da França de 1998, o Brasil esteve apagado em campo, sem uma boa atuação de qualquer uma de suas estrelas.

Do lado adversário Zinedine Zidane, prestes a se aposentar, demonstrou que um jogo se ganha pelo futebol e não pelo nome. Jogando perfeitamente, foi com uma cobrança de falta sua que Thierry Henry fez o gol da vitória por 1 X 0.

Apáticos, os brasileiros jogaram e deixaram o campo. A imprensa, que já vinha criticando a atuação brasileira, mas mantinha a empolgação devido às vitórias, maltratou cada um dos jogadores e terminou por eleger Roberto Carlos como o grande vilão por ter “arrumado o meio” durante a cobrança de falta que deu origem ao gol.

Os jornais paulistas

O jornal *Folha de S. Paulo* apresentou em sua primeira página da edição de 2 de julho uma imagem que traduz o acontecido. Zé Roberto, caído com as mãos no rosto, e Zidane, de pé e de costas para o brasileiro aplaudindo, destacando-se mais e em posição



de superioridade, logo após o término do jogo. Na diagramação da página, logo abaixo, temos uma imagem de Parreira, sentado de cabeça baixa, como que desolado. E em seguida, Luiz Felipe Scolari, comemorando a vitória da seleção portuguesa, para quem as atenções e torcidas brasileiras passariam em seguida.

Na capa do caderno de esportes, Ronaldinho Gaúcho com as mãos sobre a cabeça, no momento em que



o foi apitado o final do jogo. Uma das principais estrelas era o mais cobrado por uma atuação melhor e foi utilizado para ilustrar a falta de compreensão que todos tinham acerca da situação. Em ambas as capas,



nenhum dos protagonistas da derrota olha diretamente para o leitor, mantendo o olhar baixo ou o rosto coberto.

A construção de sentido da *Folha de S. Paulo* foi muito crítica com relação à atuação dos brasileiros. Em sua página central, trouxe uma imagem de Zidane conversando com Ronaldo.

Além da revanche, a amistosidade entre os jogadores foi algo marcante no jogo. Companheiros nos times europeus, brasileiros e franceses mostraram-se muito próximos. Por isso, enquanto limpa o rosto, na imagem (Antonio Scorza) destacada na página, o camisa 10 francês conversa com Ronaldo. Porém, a impressão que passa é a de que o Zizou ri enquanto o Fenômeno esconde o rosto sob o braço. E mais uma vez, nosso adversário mantém-se em uma posição acima e de maior destaque.

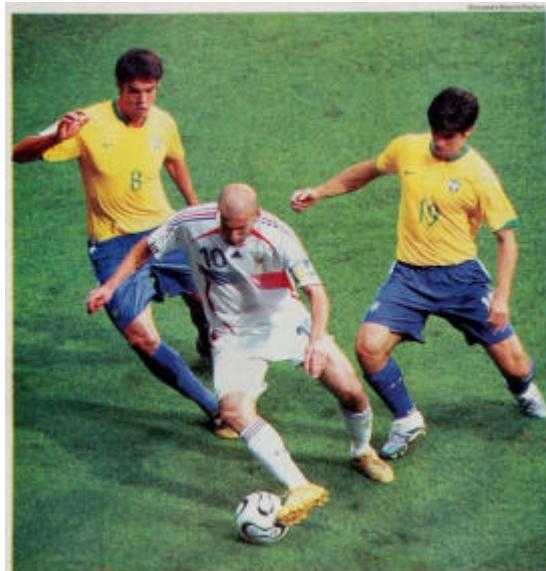


Logo abaixo na página, a imagem de Parreira (Antonio Scorza), uma das poucas em que se observa o rosto claramente, parece que observa a cena da troça francesa. Ou ainda que ele, mais uma vez desolado, busca alguma explicação para a situação.



Quando a cobertura recai sobre a atuação de Zidane no jogo, o texto o trata como a um professor. Na imagem que ilustra a matéria (Alessandro Bianchi), o francês corre com a bola enquanto Kaká e Juninho Pernambucano são deixados para trás, como que aprendendo uma lição.

A figura de do jogador mais velho no centro, composta por seu uniforme mais claro, dá-lhe um maior destaque. A posição dos jovens brasileiros forma um triangulo, cujo vértice é Zinedine levando a bola. Mais uma vez, os personagens se encontram com os rostos abaixados, seguindo os passos do jogador em destaque.



Na busca por culpados, a mídia, principalmente a televisiva, crucificou Roberto Carlos por estar distraído



enquanto

deveria estar marcando Henry. Em toda a edição deste domingo da *Folha de S. Paulo*, apenas duas imagens estão em preto e branco, uma que se relacionava ao juiz da partida e outra do jogador brasileiro (Lionel Cironneau). Mais uma vez o personagem encontra-se de cabeça baixa, sem camisa, com ar desolado, literalmente fim de jogo. A sua caminhada rumo aos vestiários também é para a parte de baixo da imagem, o que colabora para levar o junto o olhar do receptor.

Finalizando a edição, na última página, uma coluna a respeito da seleção brasileira é ilustrada por uma disputa

de bola entre Cafu e o capitão francês (Alex Grimm). Nela, Zizou aparece com o olhar focado à bola que está centralizada no quadro, fazendo com que prestemos atenção a ela. Ao lado, em posição de inferioridade, o capitão brasileiro está de olhos fechados, preso pelo braço esquerdo do francês, completamente dominado e sem prestar atenção ao seu redor. Seus olhos fechados e a posição de sua cabeça inclinada, também nos leva à bola, motivo da disputa entre os dois no momento registrado.



O jornal *O Estado de S. Paulo*, por sua vez construiu a sua crítica mais sobre o texto do que sobre a imagem. Sua capa do caderno de esportes traz como imagem de maior destaque o momento do gol francês, com a crítica contida no título “Outra vez aos pés de Zidane”.

Porém, na imagem menor, que complementa a matéria de capa, podemos ver retratada a situação em que todos viram o Brasil. Zidane e Ribery comemoram, enquanto Zé Roberto caído ao chão, com as mãos no rosto, é consolado por Cicinho, que se encontra curvado. Os dois franceses encontram-se no centro da imagem, de pé, cabeças erguidas, como sempre em posição favorecida. Ao lado direito, os dois jogadores brasileiros, em posição inferior e quase fora do quadro. Ao fundo, em segundo plano, está outro jogador brasileiro caminhando de cabeça baixa, não podendo observar-se o rosto assim como os outros.



N’*O Estado de S. Paulo*, o jogo entre imagens e títulos está sempre presente. Na análise sobre a partida, a fotografia que está presente retrata os jogadores brasileiros caminhando em campo após o apito final (Celso Junior). Olhares baixos e mãos na cintura. Ronaldinho e Cafu olham o horizonte, mas não encaram quem está de frente à página.



Assim como a capa da *Folha*, o *Estado* publicou uma imagem de Ronaldinho Gaúcho (Ernesto Rodriguez), no momento final da partida, quando, desclassificado, o jogador põe as mãos sobre a cabeça. Desta vez pode observar-se melhor a expressão do brasileiro, com o olhar caído e perdido. A expressão de desilusão é evidente.



No tocante a Ronaldo Fenômeno, três momentos seus durante o jogo foram retratados. No primeiro, solitário, o jogador olha para o alto dando a sensação de procurar explicações para o que ocorreu (Celso Junior). É literalmente um fim de jogo. O outro momento é em que é derrubado por um jogador francês. O brasileiro está rente ao chão e possui uma expressão de dor. A mão do outro jogador, que cai junto, parece agredi-lo.



Finalmente, o momento em que recebe um chapéu de Zidane (Arne Dedert). Este está isolado na foto e, por ter os dois Ronaldos inclinados na foto, em posição de superioridade e total domínio da situação. Os rostos brasileiros encontram-se assustados e parecem deixar o francês à vontade.



O jogador Roberto Carlos, certamente o mais culpabilizado pela derrota, foi retratado diferentemente no jornal *Estado de S. Paulo* (Jonne Roriz). Seu momento também foi um momento de jogo, uma disputa de bola com Ribery.

Mais uma vez os jogadores estão com olhares baixos, porém o francês, que tem seu braço segurando o brasileiro, possui uma expressão de concentração, de determinação, enquanto o brasileiro se encontra numa posição de recuo, de acuoamento, quase fugindo da disputa que se apresenta.

Apesar de ambos estarem apoiados na perna esquerda, a posição dos braços do camisa vinte e dois da seleção francesa demonstra alguém em posição de corrida, enquanto que o camisa seis parece relativamente desequilibrado.



Conclusão

A imprensa assumiu um discurso eufórico pré-Copa, colocando os jogadores brasileiros como estrelas imbatíveis. A possibilidade de jogar contra a França fez com que as quartas-de-final fossem vistas como uma revanche, impossível de perder, obrigatória. Quando o resultado se assemelhou à Copa de 98, procurou-se culpabilizar aqueles que não apresentaram o melhor futebol em campo.



O discurso imagético esportivo apresentado nesta cobertura corroborou para essa narrativa, tentando encontrar os vilões da derrota brasileira. Jogadores abatidos, decepcionados, com expressões que deixava claro que também não entendiam como o resultado pôde ser aquele. Os vencedores são retratados como superiores, ou, às vezes, como debochando dos brasileiros. Em outros momentos, pedem respostas para uma situação que os próprios jornais ajudaram a criar.

Assim sendo, é possível afirmar que a cobertura fotojornalística da derrota brasileira foi feita, quando se tratava dos jogadores, de modo a visar o Interessante em detrimento ao Importante. O que se observa são momentos em que os jogadores estão abatidos, desolados ou em que os brasileiros estão em posição inferior a dos franceses.

Não se encontra imagens do gol ou de momentos decisivos para a partida. É clara a busca por ressaltar a má atuação da nossa seleção, a busca do não cumprimento da obrigação de vencer os antigos carrascos, sem acrescentar algo de novo à cobertura da derrota.

Bibliografia

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira, 2000.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 2 jul. 2006

GOMES, Lorenzo. Do importante ao interessante – ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo. *Pauta Geral – Revista de Jornalismo*, Salvador: Calandra, ano 9, n.4. 2002.

GOMES FILHO, João. *Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo: Escrituras, 2003.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 2 jul. 2006



O Interessante e o Importante na representação fotojornalística das capas dos cadernos esportivos da Copa do Mundo de 2006: uma análise da *Folha de S. Paulo* e do *Estado de S. Paulo*⁵.

Erlei Santos Gobi, Fernanda da Cunha Correia, Alexandre Huady Torres Guimarães (coordenador).⁶

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

A partir do estudo realizado com os jornais *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, em suas edições do dia 09 de junho a 10 de julho de 2006, desenvolveu-se uma pesquisa, a partir das fotografias jornalísticas esportivas presentes nas capas dos seus Cadernos de Esportes, baseada nos critérios definidos por Lorenzo Gomes, de Interessante e Importante. Para tanto, levantou-se a proporção estatística de imagens a fim de encontrar o perfil da cobertura fotojornalística esportiva apresentada pelos dois principais jornais diários paulistas.

Palavras-chave

Fotojornalismo esportivo; Copa do Mundo; Estatística; Capa de Caderno Esportivo.

Introdução

⁵ Trabalho apresentado no NP Comunicação Científica.

⁶ Alexandre Huady Torres Guimarães (coordenador da mesa) – doutorando em Letras pela USP, mestre em Comunicação e Letras pela UPM, professor em regime de dedicação integral do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde é líder das disciplinas de Fotografia do Curso de Publicidade, Propaganda e Criação e Jornalismo, professor de Fotografia e Redação; membro do projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia; do Grupo de Pesquisa NAU-Núcleo Audiovisual e do Grupo de Pesquisa Linguagem, sociedade e identidade: estudos sobre a mídia. alexandrehuady@gmail.com

Erlei Santos Gobi – graduando do curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde participa de projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia. erlei_gobi@yahoo.com.br

Fernanda da Cunha Correia – graduanda do curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde participa de projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia. fernanda_ccorreia@yahoo.com.br

Este trabalho está inserido no projeto de pesquisa “As mutações do discurso de jornais paulistas e cariocas na cobertura da Copa do Mundo de 2006”, financiado pelo *Fundo Mackpesquisa* e desenvolvido no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques e Prof. Ms. Alexandre Huady Torres Guimarães.



O jornalismo esportivo possuiu momentos de glória e de respeito, chegando a dialogar com a esfera literária como quando Nelson Rodrigues escrevia crônicas sobre as partidas de futebol.

Porém, na maioria das vezes, esta vertente de jornalismo, muitas vezes, ficou relegada ao segundo plano e lhe foi concedida pouca importância dentro dos periódicos que não são especializados.

O jornal *Folha de S. Paulo* não possui, tradicionalmente, um destaque para o seu caderno esportivo, principalmente por ter sido Matinas Suzuki Jr. e Otávio Frias Filho os responsáveis pelo Projeto Folha, em 1983, com afirmação de Coelho (2006) em *Jornalismo esportivo*:

A *Folha* não tinha penetração, não era respeitada como um dos principais cadernos de esporte do país. Depois de 1983, continuou não sendo. Mas a partir daí, virou contradição. Se a *Folha* se tornava dia após dia o jornal mais importante do país, por que não conseguia consolidar um bom caderno de esportes? A resposta estava lá mesmo, nas entranhas do edifício-sede da empresa, no centro de São Paulo. Uma vez que Otávio Frias não gostava de esporte e Matinas Suzuki estava mais interessado em investir nos cadernos que emprestavam prestígio ao jornal, os esportes ficavam sempre relegados a segundo plano. (p. 88)

Foi somente quando passou a focar o aspecto político do esporte ao invés do que se passava dentro dos campos e das quadras, que a *Folha de S. Paulo* firmou-se no jornalismo esportivo. Mas não necessariamente um caderno querido de quem é fã de esportes, mas, sim, um atrativo para quem é leitor de outras editorias.

O *Estado de S. Paulo*, um dos mais tradicionais e importantes cadernos do país, também não possuiu um caderno esportivo forte.

[...] o *Estado* não se diferencia por absolutamente nada. Faz cobertura burocrática, com equívocos de pauta que o deixam sempre um passo atrás da concorrência. Fruto de uma série de equívocos cometidos nos últimos anos, como envelhecer a redação e não formatar plano editorial claro. (COELHO, 2006, p. 88)

Capas

A capa de um jornal tem grande importância por ser o primeiro contato que o leitor tem com o periódico. Assim sendo, a capa de um caderno interno, surgido das exigências mercadológicas que fazem com que o jornal tente agradar ao máximo o seu público, acaba tendo uma relação ainda mais direta com seu leitor.

Durante a Copa do Mundo, a identificação torna-se ainda maior, visto que todos estão concentrados em saber o que acontece no mundial. O trabalho dedicado ao caderno esportivo, muitas vezes transformado em especial, torna-se maior e mais atencioso. Os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, que não são dedicados exclusivamente ao esporte, reconfiguraram toda a estrutura de seu caderno esportivo para a cobertura do evento.

O Estado de S. Paulo criou um Caderno Especial de Esportes, no período da Copa da Alemanha, denominado Copa 2006. Neste espaço de tempo, de 9 de junho a 10 de julho de 2006, grande parte do conteúdo do Caderno foi dedicado à Copa do Mundo, apenas na penúltima folha havia notícias de outros esportes ou assuntos, como Fórmula-1, Natação, Vôlei, Basquete e o Campeonato Brasileiro de Futebol.

Somente após a eliminação do Brasil por 1 x 0 contra a França, no primeiro dia de julho de 2006, nas quartas-de-final, o Caderno abriu mais espaço para notícias de outros eventos esportivos, período em que os times de futebol treinavam para a segunda fase do Campeonato Brasileiro do mesmo ano.

A capa, como já citado, é o primeiro contato com o leitor, e, portanto, possui uma atenção maior para publicação, chegando a ter três ou quatro editores em uma redação exclusivamente voltados para a sua criação. Isto ocorre, pois, muitas vezes, ela é o atrativo determinante para a venda do jornal nas bancas.

A primeira página de um Caderno de Esportes não contém toda essa atenção por estar dentro do jornal, envolto por outras editorias. Devido a isso, os editores dos cadernos internos possuem uma maior liberdade para criar suas capas, fazendo joguetes com palavras, trocadilhos e citações com nomes de livros e filmes.

A Folha de S. Paulo utilizou muito esses recursos durante a cobertura esportiva do Mundial de Futebol na Alemanha. Em 18 capas, do total de 33, ou seja, 54,54% das manchetes, havia algum tipo de trocadilho, como se nota nos exemplos a seguir.

A capa estampada com a imagem do auxiliar





técnico da seleção brasileira Zagallo traz um título que faz referência ao filme do diretor Robert Zemeckis, *De volta para o futuro*, vencedor do Oscar de Melhores Efeitos Sonoros.

Datada de 29 de junho de 2006, ou seja, dois dias antes da partida do Brasil contra a França nas quartas-de-final, a manchete dialoga com a revanche da final da Copa de 1998, lembrando a história do longa-metragem no qual o personagem principal, interpretado por Michael J. Fox, viaja para o passado por obra de um cientista, vivido por Christopher Lloyd, onde acaba por concertar erros que causou em seu passado.

Já a capa na qual Luiz Felipe Scolari, Felipão, é personagem principal, a manchete se utiliza do título do *best seller* de Sun Tzu, *A arte da guerra*, um tratado militar composto no século IV a.C., o qual trata de eventos e estratégias que devem ser abordadas para um combate racional, a fim de fazer uma analogia com o jogo Portugal x Holanda, um dos mais violentos da história dos Mundiais.

O Importante e o Interessante nas imagens das capas da Copa 2006.

A imagem tem um papel fundamental no padrão estético da capa de um jornal.

Até o começo do século XX os jornais não utilizavam o recurso fotográfico em suas páginas, como se nota na capa do Jornal de Minas Gerais, intitulado *O Pharol*, inicialmente produzido na Paraíba do Sul, Rio de Janeiro, desde 1866.

Atualmente, não existe capas de jornal sem uma fotografia estampada, e, caso esteja em harmonia com um título forte, este vínculo pode causar um maior impacto nos leitores, tanto positivo quanto negativo.

Essas imagens podem ser de cunho Importante ou Interessante, dependendo do foco editorial de



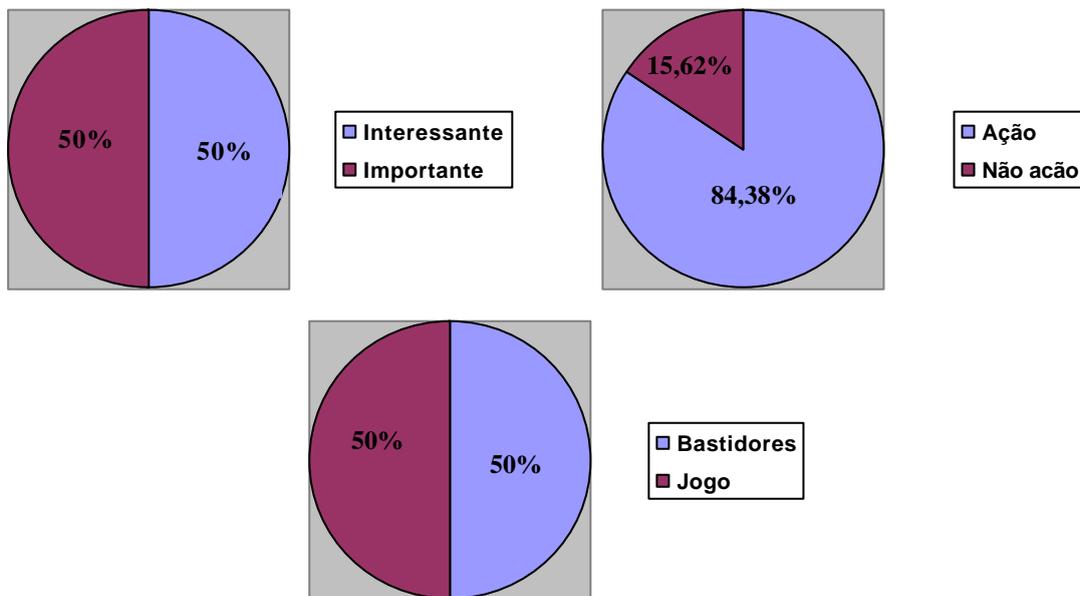
cada publicação.

Diante do cenário esportivo da Copa do Mundo, analisaram-se as imagens das capas do Caderno de Esporte da *Folha de S. Paulo* e do *Estado de S. Paulo* veiculadas durante o período da competição. Foram selecionadas as fotografias jornalísticas esportivas publicadas entre o período de 9 de junho a 10 de julho de 2006.

A partir desse corpus, constatou-se a presença de 32 fotografias no *Estado de S. Paulo*, sendo que estas estão divididas igualmente em 50% como Importantes e Interessantes.

A tabela e os gráficos seguintes apresentam um retrato mais metuculoso do período estudado, tendo foco, evidentemente, as definições de Importante e Interessante.

Jornal	Bastidores	Jogo	Ação	Não ação	Importante	Interessante	Total
Estado	16	16	27	5	16	16	32



Outro dado levantado foi que 84,38% das imagens são de Ação, e apenas 15,62% são de Não Ação. Essa análise revela que uma imagem de Ação é mais atrativa e convidativa ao olhar do leitor, pois uma foto estática não é, *a priori*, tão visualmente agradável, para o padrão esportivo, além de não combinar com o tema da editoria, no caso, esportes.

Exemplo de Ação:



Exemplo de Não Ação:



Nota-se que as fotografias também se dividiram em 50% nos critérios Jogo e Bastidores. Segundo o conceito de Importante e Interessante, as imagens de Jogo estão classificadas como Importante, pois relatam um acontecimento com data e hora marcada. Por consequência, as de Bastidores se enquadram em Interessante, logo que não contém qualquer dado relevante para a notícia.

Segundo Lorenzo Gomes, o Importante e o Interessante são dois valores básicos no mercado da notícia. Ambos têm direito a cidadania no campo da informação jornalística e pesos próprios e específicos.

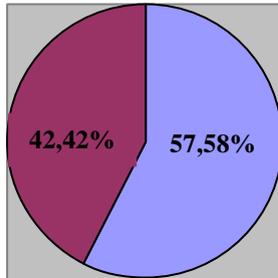
Nota-se a adequação do conceito de Lorenzo Gomes (2002) em *O Estado de S. Paulo* que mesclou o Importante com o Interessante em medidas exatamente iguais, fazendo com que suas capas fossem balanceadas durante o período da Copa do Mundo da Alemanha.

Já na *Folha de S. Paulo*, constatou-se a presença de 33 fotografias, com um leve desequilíbrio entre as imagens Importantes e Interessantes. Do total, 57,58% foram de fotografias Interessantes, em contrapartida, 42,42% Importantes.

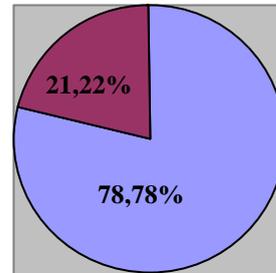
A tabela e os gráficos abaixo apresentam um retrato mais meticuloso do período estudado, tendo foco, também, para as definições de Importante e Interessante.



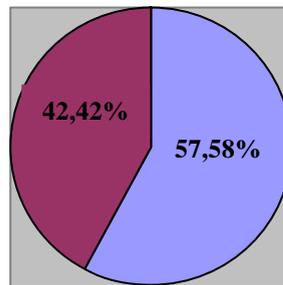
Jornal	Bastidores	Jogo	Ação	Não ação	Importante	Interessante	Total
Folha	19	14	26	7	14	19	33



■ Interessante
■ Importante



■ Ação
■ Não ação



■ Bastidores
■ Jogo

Diferentemente do *Estado de S. Paulo*, a *Folha de S. Paulo* deu mais ênfase às fotografias esportivas Interessantes em detrimento das Importantes. Nota-se essa diferença por meio dos critérios de Importante e Interessante, possuindo mais imagens de cunho Interessante.

Exemplo de Interessante:



Exemplo de Importante:





Os dados de Jogo e bastidores também revelam essa tendência para o Interessante. Basta analisar os números das imagens de bastidores, 57,58%, ou seja, a maioria. Como já citado anteriormente, as fotografias de Bastidores têm cunho Interessante.

No critério Ação e Não Ação, a *Folha de S. Paulo* teve um desempenho semelhante ao *Estado de S. Paulo*, possuindo a maior parte de suas imagens sendo de Ação, 78,78% do total. Pois, como já explícito, as imagens de Ação remetem mais a editoria de esportes.

Conclusão

Os jornais paulistas apresentaram proporções semelhantes no critério Ação e Não ação. Ambos publicaram a maior parte de suas fotografias com Ação, pois a editoria de esportes pressupõe, em um primeiro momento, o movimento, ou seja, fotografias fotojornalísticas esportivas sem esse quesito, para muitos leitores, não remetem ao tema tratado. Além de fotografias que retratam movimentos serem mais atrativas para uma capa.

O *Estado de S. Paulo* soube equilibrar perfeitamente em suas capas esportivas os critérios de Importante e Interessante, sendo 50% para cada, e a mesma proporção para o critério Jogo e Bastidores. Esse equilíbrio proporcionou uma seqüência harmoniosa de capas durante o período da Copa do Mundo.

Por outro lado, a *Folha de S. Paulo*, deu maior ênfase ao Interessante, tanto no critério Importante x Interessante, quanto no critério Jogo e Bastidores. Isso pode ter ocorrido devido ao tom leve e divertido dado às manchetes presentes em suas capas esportivas.

Os jornais *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* obtiveram um desempenho, em porcentagens, idêntico no tocante aos critérios de Importante x Interessante e, Jogo e Bastidores. No *Estado de S. Paulo*, a porcentagem de Importante x Interessante ficou em 50%, exatamente a mesma apresentada no Jogo e Bastidores.

Por outro lado, a *Folha de S. Paulo*, obteve a mesma porcentagem de Interessante e Bastidores, 57,58%, enquanto o Importante e o Jogo ficaram em 42,42%.



Bibliografia:

ABREU, Alzira Alves. *A modernização da Imprensa (1970 – 2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

BORRAT, H. (1988). *El periódico como actor político. Propuestas para el análisis Del periódico independiente de información general*, Tese de doutorado, Universidade Autônoma de Barcelona (uma versão condensada foi publicada por Gustavo Gilli, Barcelona, 1989).

COELHO, Paulo Vinícios. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, jun./jul. 2006

GOMES, Lorenzo. Do importante ao interessante – ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo. *Pauta Geral – Revista de Jornalismo*, Salvador: Calandra, ano 9, n.4. 2002.

LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*, Brasília: UnB, 1996

MUÑOZ TORRES, J. R. (1996), *El interés informativo. Estudio Del principal factor de especialización periodística*. Madrid, Fragua.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, jun./jul. 2006

Referência eletrônica:

ARQUIVO Histórico armazena exemplar mais antigo do jornal “O Pharol”. Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=2546>. Acesso em 17 jun. 2007.